

## A “LUTA DOS DISCURSOS” EM LIMA BARRETO

Áureo Joaquim CAMARGO\*

OAKLEY, R. J. **Lima Barreto e o destino da literatura**. São Paulo: Ed. da Unesp, 2011.

Uma longa tradição de estudos sobre a produção ficcional de Lima Barreto envereda pelo enfoque do biografismo nas narrativas do escritor. Contraposta a ela há, felizmente, um conjunto de publicações que procura estabelecer relações mais profundas com o projeto literário do escritor carioca, voltando-se para questões capitais da literatura. Insere-se nessa linha o livro de Robert J. Oakley, *Lima Barreto e o destino da literatura*, publicado pela Editora Unesp em 2011, que aborda tópicos como o destino da palavra escrita e do discurso inteligente, além da abordagem sobre a herança cultural europeia incorporada por Lima através de suas leituras. A obra, revista e atualizada, sai com bastante atraso no Brasil; o original em inglês é de 1998, com o título *The case of Lima Barreto and realism in the Brazilian “Belle Époque”* (Lewinston / Queston / Lamperter: The Edwin Mellen Press).

O autor relaciona a forma dos escritos ficcionais de Lima Barreto com o ideal artístico que o escritor apresentava: o desejo fervoroso de comunicar-se satisfatoriamente pela literatura com um leitor virtual, a necessidade de se ter muita inteligência e a meditação sobre a razão fundamental da arte, que, para o escritor carioca, representa penetrar e articular o significado da existência, com a meta de criar a solidariedade humana.

Para Robert Oakley, as raízes desse projeto literário devem ser procuradas na bagagem cultural europeia absorvida por Lima Barreto através de suas leituras. O escritor russo Leon Tolstói, o escritor e ensaísta escocês Thomas Carlyle, o pioneiro da psiquiatria inglesa Henry Maudsley, o filósofo inglês Herbert Spencer e o filósofo e poeta francês Jean-Marie Guyau são os expoentes europeus dos quais Lima adquiriu grande parte de sua herança cultural. Além desses, ainda teve contato indireto com o filósofo alemão Fichte, através do livro *Os heróis*, de Carlyle. Afirma Oakley que a prosa ficcional limana

[...] exprime uma tentativa de dramatizar *qua* artista tolstoiano, o destino do escritor neste mundo e, ao mesmo tempo, o escritor tem a obrigação de cumprir seu destino fichteano, carlyleano e tolstoiano de profeta pelo bem da humanidade (OAKLEY, 2011, p.10).

---

\* UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Faculdade de Ciências e Letras. Assis – SP – Brasil. 19806-900 – aureo.camargo@uol.com.br

Oakley aponta que Lima elaborou e plasmou um tipo de discurso com base nas leituras que fez desses expoentes europeus. Esse tipo de discurso é chamado pelo estudioso inglês de discurso pró-tolstoiano e pró-carlyleano, que estão intimamente ligados à concepção de Lima Barreto de encarar o destino da literatura. O primeiro – o tolstoiano – é buscado na leitura de *O que é a arte?*, em que Tolstoi (1994, p.123) afirma: “A arte, juntamente com a palavra, é um dos instrumentos de união dos homens e, portanto, do progresso do gênero humano para a felicidade”. A ideia contida no segundo tipo de discurso, o pró-carlyleano, concebe a literatura como sacerdócio, sendo o escritor incumbido de uma missão divina. Isso causa em Lima Barreto “uma impressão muito forte” (OAKLEY, 2011, p.7).

Na prosa ficcional de Lima, os porta-vozes dos discursos pró-tolstoiano e carlyleano estariam fadados à ruína, não para mostrar o fracasso do mulato, tal como discutem os estudos limanos enviesados pelo biografismo, mas sim o da inteligência expressa pela palavra escrita. A luta entre os discursos pró e antitolstoianos prevalece nas narrativas demonstrando o pessimismo do escritor com relação ao *status quo*, tanto em questões sociopolíticas quanto em questões artísticas. O ensaio de Oakley tenta examinar o ponto do princípio da causalidade em determinados textos ficcionais barretianos,

[...] nos quais os princípios da causalidade tem uma forte tendência a atuar – o ponto em que se opera a luta de discursos. Lima Barreto acredita com paixão na visão tolstoiana do destino da literatura, mas entendeu que na vida real, esse destino era pavorosamente problemático (OAKLEY, 2011, p.23).

O embate entre os discursos pró e antitolstoianos na ficção de Lima Barreto aparece ao se criarem situações em que o ato da escrita é questionado. Em várias passagens da criação literária limana o ato da escrita ou da leitura relacionam-se com a causalidade das ações de algumas personagens que lutam contra o *stablishment*. Em consequência, essas ações são derrotadas ou abandonadas ante o discurso vigente e oficial do Brasil da *Belle Époque*, tal como Oakley aponta caso a caso em seu ensaio.

Para corroborar a tese do fracasso do discurso tolstoiano na obra de Lima Barreto, o autor traça um panorama da obra ficcional do escritor tendo como percurso o espaço que vai da produção do conto “Clara dos Anjos”, de 1904, até o romance *Clara dos Anjos*, de 1921-1922. Do projeto inicial, que pretendia ser o embrião de um texto em que Lima denunciaria a condição do negro na sociedade, até o romance, Oakley analisa a mudança no trajeto da produção literária do ficcionista carioca. O escritor teria abandonado a ideia de demonstrar o drama da mulata seduzida e da vida difícil do subúrbio para focar na denúncia do fracasso do discurso tolstoiano.

O ensaio de Oakley passa pelos romances do escritor para argumentar sobre a tese que embasa seu estudo. Alguns contos também são usados para demonstrar como Lima Barreto entendia que o destino da humanidade depende fundamentalmente do destino da inteligência. No conto “A biblioteca” é reforçada a imagem do fetichismo do saber como denúncia contra os apedeutas, os pretensamente sábios.

Ainda há a recorrência aos estudos feitos por alguns dos mais notáveis estudiosos sobre Lima Barreto, como Osman Lins, Nicolau Sevcenko e Carlos Eripany Fantinati, além de outros.

No trajeto proposto por Robert J. Oakley para demonstrar como Lima Barreto empreendeu seu projeto de literatura engajada, fica a ideia de que o escritor carioca transforma seu intento primeiro de escrever um épico sobre a condição do negro no Brasil. Essa mudança se dá pelo fato de o escritor focar sua literatura num campo de batalha mais profundo: a “luta dos discursos”. Nessa luta, o discurso inteligente está fadado ao fracasso diante da vitória do discurso do *stablishment*, representado entre tantos outros exemplos criados por Lima pelo jornal *O Globo*, em *Recordações do escrivo Isaiás Caminha*.

Oakley consegue mostrar como poucos que Lima Barreto não pode ser estudado apenas pela biografia. A riqueza desse seu livro, que ora se apresenta em português, reside em apontar, por meio da “luta dos discursos”, a importância do escritor carioca, preocupado com o destino da literatura e, portanto, com o destino da humanidade.

## Referência

TOLSTOI, L. **O que é a arte?** Tradução de Yolanda Steidl de Toledo e Yun Jung Im. São Paulo: Experimento, 1994.

Recebido em: 21/11/2012

Aceito em: 10/04/2013



